BARCO À DERIVA

JUAREZ FRANCISCO DA COSTA

editora
Virtual Books

SUMÁRIO

RETRATO EM PRETO E BRANCO

Como são melancólicas as coisas!

O esteio morto e árvores caladas,

Flores, casas e... (tudo)... Dispersadas

Na paisagem estática de coisas.

Ah, como são alheias todas as coisas!

Tudo triste, com tédio, misturadas...

Passa o vento também frio pelas coisas.

De doenças- sem ter- nunca curadas.

Ah, como são alheias, como são calmas!

Então, doente sou eu (eu que me agito).

Eu, sangue e sensação e dote d’alma.

Vejo, triste, nas coisas, e algo aflito.

E a paisagem, estática e sem alma

Insisto corromper em meu espírito!

MINHA VIDA

Minha vida sem cor, vida com dor,

Busco coisas que são meu encanto.

Foi sempre que busquei, não me espanto

De ainda esperar e com calor.

Sem vergonha confesso algum pranto.

Desando e pouco valho sem fervor.

Se desisto desse alvo que acalanto

Vida não passa ou rompe: estertor!

Ah, estertor de mim, estertor da hora

Imensa e pesada, sem fim, árida!

Inexista um tempo. Vá embora!

Para eu viver melhor a minha vida.

Estou sem possuí-la. A desoras

Despossuo o sonho e perco a simples vida.

AMOR DO FUNDO

Tudo desvaneceu sem poesia.

Ficou n’água dos olhos, mansamente

Chorando, sem que o veja outra gente.

Desfez-se a ilusão que não valia.

Já não há que esperar essa magia

De duas almas juntas e contentes.

Meu corpo incônscio já de que sentia

Esse frio, essa falta e dor latentes

Muitas vezes chorei, mas acabou.

Se o fiz, ninguém ouviu, pois era mudo;

Se o fiz, ninguém o viu, pois não rolou.

É o que tenho em mim: sinto profundo

Medo amante- prudente- d’um amor

Que eu ame mais que a mim. Dormente e fundo!

ETÉREA

Mais um hoje se foi e eu te esperei.

A porta estava aberta e não entraste.

Fechei-a, não bateste. E eu, qual traste!

Teus olhos, tua voz, eu não terei.

Meus olhos fora ponho. Não te achei

Em nenhuma miragem e, contraste,

Tudo como se igual, não estranhei.

Vento sem tua voz... De vez calaste?

E não falavas nunca, mas te ouvia.

A janela se abria pela luz

E tu não vinhas nunca, mas te via.

Tu vens de mim em mim, muda e falaz

Ao mesmo tempo e casas ao 'não-vem',

Pura e estéril, sêmen de anti-paz.

DEUSA DO MAL

De imagens que se tem que faz-se o deus.

Então, deusa te fiz, deusa de tudo:

Rainha, Vênus, raiva e meu escudo.

Tanta coisa senti por olhos teus!

E Judas eu não fui nem fariseu,

Pois eu te amava, sim. Pude, contudo,

Enraivecer de dor e calar o “eu”.

O meu canto calou no canto mudo.

Envolvida em roupão, nua te via.

Tudo embalavas. Vinham orações

Alma e carne louvar: não discernia.

E tu, deusa ainda és: mesmas feições.

Tanto enfeitiças tu e nada guias:

Descaminho e torpor das emoções.

MUSA

Hoje, te amei, menina uma vez mais:

Eu te revi nos gestos pueris

E te revi nas fugas infantis,

Fugindo à vida e a mim cada vez mais.

Hoje, te amei, mulher, uma vez mais:

Vi-te passar, e vendo-te, por bis,

De novo teu, te amei como jamais:

Amei mulher, menina que um dia quis.

Tu, afogada ausência, sinto ainda

Na vida e cores do ar, que viva a tem.

Do passado ao presente vens, ó Linda!

Tempo passou e muito tempo vem

A independente vida de mim vinda,

Vivendo além de mim, e o amor, aquém.

MÍSTICA

Ouve: ando te dando tudo e tanto!

Uns dias poesias, outros pragas.

Doces dores sofrer, dores amargas,

Palpitando em meu corpo o teu encanto!

Uns dias alegrias, outros, pranto.

Sou certo, sou contrário; pegas, largas.

`Inda fixo em teu corpo e acho o espanto

De sentir, não ter, dar. Desejo e esmagas.

Também dás vida e encantas. Eu te quero;

Quero-te já não mais, mas não tem jeito:

Vício de por ti ser! (Como tolero?!)

Ouve: ando te dando aqui no peito,

Tanto somando no ar, que desespero.

Vem, que a vida me dando em tua mão deito.

O ANJO E O SOL

Dorme, fica de pé, corre e se senta.

Esculpida no sonho. Vem pintada.

Quem sabe, natural... Não fala nada.

Se ajoelha e não reza. Representa

Não se faz perdoar. Levanta lenta.

Nem boca nem ouvido. Como fada,

Ao mesmo tempo vem, volta e se senta...

Disse tudo depressa. Disse nada.

Entenda, se puder, meu coração

Que no gesto se deu! E morre o sol.

E tudo continua sem razão.

Ainda lembro os olhos: são de sol.

Brilham, encantam, fogem, dizem ‘não’,

Irradiam o ‘sim’ num arrebol.

A MULHER NUM QUADRO

Cheiro de ser e sangue e vida e sono,

De sol nascer, torpor e tempo e ocaso.

Eu pouco e quase nada ser e acaso,

Leve e feliz me encontro teu, sem dono.

Vem chuva e sol e chora em mim o ar morno.

E o atravessa o brilho e pinga acaso,

Linda, na tela d'alma a gota-adorno.

E te amo assim... Contigo, no éter caso.

E na utopia anjinho tu... Mulher

N'afresco, frágil, nua e minha e linda,

Como na terra e céu assim se quer.

Na chuva o sol a gota brilha ainda

Se o peito traz-te assim, voraz, mulher

N'afresco, frágil, nua e minha e linda.

HIERÓGLIFOS DE CARVÃO

Eu queria as palavras todas certas

P'ra dizer o que sinto e o que posso,

Numa medida exata, mas não posso

Dizer verdades bem que mal soletras.

Soletrando, duvidas do que é destro.

E com propriedade e sem remorso.

E com direito, se eu mesmo, incerto,

Passageiro, não sei o que esboço.

Nós nos atropelamos, somos sós

Num tão confuso caos, buscando rumo

N'alguns passos que voltam sobre nós.

Mas o que finalmente eu assumo

É que algo subjaz ao som da voz,

Assim como a mim mesmo, que sou fumo.

LUA E LÁGRIMA

A lua não diz nada, mas inspira,

Esparramando a luz por vento e chão,

Como o livre tecer de coração.

Amor, dor espalhados numa lira!...

No lago a clarear, muito se mira

E xinga-se por crer escuridão

O resto de uma sombra que revira

E faz desenhos pretos sobre o chão.

A prata fulgurante olha-se n’água.

Para ver só a luz, a lua arde,

Volta-se para si cheia de mágoa.

A vida sempre tem tristezas cruas.

Se lágrima sem água me invade,

Brota dentro de mim, desponta a lua.

VIDA E PIPA

Ah, este descaminho me dá medo,

Mas eu não sei de quê ou de quem seja

Que tudo vem e morre e deixa quedo,

Tudo que no meu peito se me enseja.

Tudo se me entardece e fica cedo

Esperando que o velho se reveja

Um pouco na criança. Nesse enredo,

Sigo senda e desvio e retrocedo.

Clausura sistemática. Que dó

Causa só conhecer meias verdades!...

Que fez que nos fizéssemos assim?

A vida vai liberta e libertina

E fica dentro em peito em confusão,

Tal fica a pipa e vai quando se empina.

POR CAUSA DO ‘NÃO’

Por motivo do ‘não’, luto comigo;

Escondo-me por trás do pranto;

Nutro impura agonia - Vida a um canto!

Um sonho fraternal, sonho inimigo!

Por motivo do ‘não’, sonhos irrigo

Com desejo voraz, pleno do encanto

De alcançar a vitória, com o perigo

De escutar tão-somente iluso canto.

Por motivo do ‘não’, há de exalar-se

Tudo, tudo de mim. Mas força existe.

E choro não virá, há de calar-se.

Quer, apesar do ‘não’, o sonho triste,

Com perfume de glória, consumar-se:

Se na vida há ‘não’, a vida insiste.

TENTATIVA DE COMEÇO, MEIO E FIM

Tudo são só momentos a passar.

E eu tenho pena grande de ser triste,

Posto que tudo passa e subsiste

Para fazer sofrer, também cantar.

Não ficasse o momento a apelar

Que eu nele fique tanto e assim partintes,

Eu como ele só fôssemos ligar

Um no outro, meio e fim constituintes...

Não teria por certo do começo

Que buscar a raiz que não conheço,

Assim como ninguém de si, enfim.

Mas teria por certo um arremesso:

Eu, enlaçado, mas solto de mim,

P’ra sempre começar novo começo.

NOITE

Os meus pés no teu chão. E a tua cama

Que não vejo, mas deito, serve-me a alma.

E deixo-me ficar na tua calma.

Sirvo-me dela e acendo minha chama.

Chama se acende em mim. Queima na cama

Que não vejo, mas deito e em fundo d'alma,

Ermo, tudo se evade e se derrama

Por teu escuro céu, que inspira calma.

(Noite serena e só, meus olhos susta.

Mais quieta do que eu, mas acalenta.

Com estrelas e mistérios nada custa.)

Há, noite, a cidade que te ausenta;

Há, noite, a cidade que me assusta.

E uma mata que aos dois nos acalenta.

INTEIRAR E PARTIR

Às vezes, infeliz, numa louca ânsia,

Pressa de ser feliz, desmonto o ser,

Buscando o que não vem alvorecer,

Mas que se me promete e só me cansa.

A vida a me negar... (Que relutância!)

O que me é de direito a converter

Numa ansiedade e só ganância

O peito oco e dual a endoidecer.

Mas que dois há em mim que não sou todo?

E por que me daria se sou parte?

Se ainda não e nunca me bastarei?

Por que hei de querer a outra parte,

Eu, se me completando me darei?

Divina vida algoz, que nunca é toda!...

DENTRO DOS DIAS

Ontem, senti-me só com tanta gente

Acompanhada e alegre de aparência.

Gente ao redor e eu só era uma ausência

De todos, tudo e mim, da turba ardente.

E remoía louca e enlouquecente,

Tornando triste dentro uma carência,

A refletir no rosto dissidente,

Sem riso feito ou rido em displicência.

O ontem se vai; após, no hoje se traz.

Ainda aqui estou, e renovado,

No que de velho tenho, busco paz.

O que ontem foi está no hoje raiado

E raiar fez o dia, que se faz

Acontecer igual e ensolarado.

HORIZONTE E EMOÇÃO

O curso e o ambiente da emoção

Confundindo-se ao rio que avassala.

Este faz o rumor, a outra não fala,

Mas inspiram igual uma canção.

Águas a levantar, rolam no chão,

Saltam, ficam em cima, abrem ala.

Sentimento a rolar no coração,

Mais rasga do que diz, logo se cala.

Como rio a espalhar, tal me transformo.

Joga fluido de ver, sem parapeito,

Tal fluido de sentir por todo cosmo.

Suave ou arrebatado no seu leito,

O rio vai ao mar. E eu vou ao cosmo,

Suave ou arrebatado no meu peito.

INTROSPECÇÃO INÚTIL

Eu, que tão mergulhado em mim me ponho,

A ver se peneirar-me posso, encontro

Menos que perco em vós que sois risonhos,

O sonho e a vida toda já reencontros.

Vós para a vida e ela a vós inconhos...

Vós desenvoltos... Lentos... Sóbrios... Tontos.

E sem saber dos tédios tão medonhos,

A acolher-vos bem calmos, sois o encontro.

E esta busca a achar o mais que eu possa

(A vida me motiva enfim) somenos

Fora deixa e me faz. E dentro endossa

Não sei quê de entender a meio-termo

Que é como vós fazeis, pois nada esboça

Que cumpra diferente ou seja a termo.

MAL QUE HÁ EM MIM

Grande eu faço o mal que há em mim!

E na vida nenhum há que não eu,

A desencaminhar-me tanto assim,

Numa fuga covarde e, sempre ateu.

O por que passo e faço passa em mim,

Como a atropelar tudo que meu.

Não quero precisar mais do que o fim

De cuidar o que sou e o que nasceu.

Aniquilo de mim, ainda ao pé,

Todos os meus fiéis verdes rebentos,

Negando e retardando o nascimento.

Não quero me estragar no pensamento

Do que deva fazer. Preciso fé

No que bem possa ser em livramento.

VÁLVULA

O dia que sentir não sei que dor,

E tanto que nem possa me sentir...

Numa falta infernal de repartir

Os sobejos e as faltas de amor,

Em partes de tristeza e amargor

Vou-me desintegrar, multipartir

Numa louca implosão de desamor,

Eu de mim mesmo vítima e mártir.

Tudo transbordará como nostálgico

Canto de Ave-Maria no entardecer,

Por tudo e nada nóxio e melancólico.

Vou chorar tudo e mais o que esconder.

E quando desinchar-me o peito crônico

Leve esperarei o amanhecer.

MULHER FUGAZ

De que prisma vê-la?

Primava na minha idade,

era doce e juvenil...

O nome era Vera.

A leveza num toque de mão,

um beijo a face enrubescer...

Pura como um botão,

que uma flor demorava ser.

E foi bela flor deveras.

Adormeceu à noite que principiou,

mas não chegou a emurchecer.

Tem idade ainda tenra

no tempo já maduro

de uma vida vagarosa ou apressada,

que se não a traz, não a faz esquecida.

E em alguma parte vive

e é parte de uma história vera.

Má não é ela,

a Manuela que me espera.

Em curvas e proeminências.

Ou má, nua, ela?

Mas Manuela, como é bela!

Vestido diáfano, lindo azul,

de qualquer cor, cor de Manuela.

A carne rija enchendo as formas

curvilíneas e proeminentes.

E suspiro após suspiro,

todos os beijos se me arrancam.

E no amor insaciado

ainda os olhos a acompanham.

E amanhã, em outro vestido,

de qualquer cor, cor de Manuela,

o mesmo amor em outro amor,

no corpo sempre desnudo de Manuela.

MUSA E MÚSICA

Escrevendo, vou tentar,

suave deslizando a pena,

zelar minha descritiva

e reduzi-la a uma palavra.

Ouço longe e perto

nonada de ritmos,

dor nenhuma

ou aflição sentindo.

Devia ser noite alta.

No entanto é dia ainda,

ziguezagueando nele a brisa.

Nada prende tanto a mim,

que olho assim o nada.

Só vejo recortes de luz

e flores levemente balançantes.

Não obstante há a parede

interposta entre mim e o horizonte.

E uma porta estreita

ou larga, conforme a que tome.

Se uma chave me trancasse

e eu não quisesse estar,

saltaria a janela escancarada,

correria p'ra lá ou nenhures.

Tudo em volta serenado,

estranheza nenhuma me pesa.

A pulsar incessantemente,

sinto-me... Somente... Vejo fora.

A ciranda do pensamento cortada.

Interrompida a especulação...

Na porta estreita é que me meti!...

Começo agora

tudo outra vez.

Quase não consigo

concentração mínima,

misturando pensamentos

tanto, que me inquieto.

Roteiro perdido!...

Ouso continuar.

Fogem-me os versos,

retomados e mal conduzidos.

Eis a dificuldade que há,

ausente todo o sortilégio.

Duas origens,

oásis sem ponte...

Não intercede uma ligação.

Mas espero,

enquanto invoco

musa!...

Mas espero,

enquanto invoco

música!...

MUSA II

A Musa!...

Desejo-a de todos os modos,

obcecadamente e tanto,

que fico irrequieto, vendo-a passar.

E ela não me vê.

Tarde que seja, ela virá.

Recatada, com algum amor.

No entanto, quero um que dure,

sem desprezar o ligeiro.

Quero a graça dela aventurando

um amor em mim.

Eu a aventurar na graça dela

o amor que quero dar.

Redemoinha ora em mim,

ora no ar o amor que há.

Como em torvelinho eu...

Irremediavelmente atraído.

E nada retém ou encaminha

certeira e firmemente

meus passos a vacilar.

Sobremaneira me agito.

E quando não, entristece

o estar ela longe

e tão inconsciente.

Oscilo entre a quimera

informe e a realidade dura.

Vejo-me opaco.

Opaco tudo fica, sem ela.

Musa, com jeito de diva,

ondeia leve como folha.

Sinto a sua leveza...

que distancia e esquiva.

Desistir de tê-la não posso.

E eu quereria se fosse não arder

tonto , sozinho e longe dela.

Se ela ouvisse o que cala

natimorto no meu peito,

maltratando p’ra valer!...

talvez eu aliviasse.

Diva, não a posso ter...

Ozônio que não protege,

zênite que não alcanço...

A Musa, a passar...

A QUEM AMAR

Quando eu te abraçar, quero que sintas

um amor tão intenso e sincero e forte,

que nos confundamos sem saber, ao certo,

se fico feliz de amar ou tu de seres amado.

E então, terei teu amor lavado dessas tintas

que a vida dá para encobrir nossa sorte.

Numa ponte d'um no outro sentiremos perto.

E perto descobriremos o que mora ao lado,

dentro, e se descolore nos desencontros

e no sentido da cumplicidade,

para vencer a vida astuta.

Perto viveremos reencontros

numa realidade impoluta,

já sem luta.

INÉRCIA E IMPULSO

Às vezes sinto calmaria:

não sonho nem espero,

fico tão vago, que nada sou

dentro desta enorme seara.

Sinto que esta apatia,

de tom o mais severo,

é do que malogrou,

perdi e encantara.

Esta misantropia,

que mal tolero,

não se originou

senão do que eu esperara...

Senão da covardia,

defendendo-me com esmero

do que magoou

e eu não expulsara.

Mas há todo um dia

para eu seguir sincero.

E expulsar a dor que pousou

é sentir o vento na cara.

CAMINHOS DE SONO

A verdade que há e questiono

e questionar eu não quero,

de tudo a servir, também nada,

soma-se e se perde no sono.

E se traz em código e tarda.

E é em mim que jaz em mistério,

avança, transcende e retarda

o único caminho possível:

eu de mim em mim mais sensível.

A verdade que há e questiono-

sem mesmo saber que eu o faço-

estado latente no mundo

de dentro e de fora do sono,

pouco fica muito no fundo,

um pouco a passar pelo que passo.

Vereda que barro e confundo,

vereda de barro me faz,

que faço de um tanto de paz.

Barco a derivar... Calmaria...

É nisto ou em quê paz seria?

A verdade que há e questiono

soma-me e se perde no sono.

(Assumo que perco-me em sono!)

POESIA OBRIGATÓRIA

Sou o que sou para fazer

a poesia do talvez.

Ser infeliz ou ser feliz,

ah, tanto faz ou tanto fez!

Tudo que pode acontecer,

se vida não, fui eu que fiz.

Eu que me arranho e dilacero,

mato-me e morro e nada morre.

Minha opção não optar

devolve a dor, o riso e um porre,

num não doer doendo sério,

brincando em mim até sarar.

Sara e se agrava no meu peito;

grava sangüínea minha estória,

direita ou torta ou duas coisas.

Tudo não mais que uma memória

que de fazer-me, por defeito

não faz nascer o que repousa.

DE CIRCO E VIDA

Um modo comum de viver:

as fotografias das gentes

se estampam em mim, nos meus gestos.

Na repetição todo dia

que a vida se faz discorrer.

Então, eu sou essas sementes.

Ou diga retratos abertos,

pois que nada nasce, tudo copia.

Casulo não sou... (Hei de crer!)

Estou vazio e só e silente.

Não há que dizer manifestos

de nada incomum nestes dias

lentos ou de pouco correr,

pois que isso não há; tão-somente

existe um caminho que é certo.

Se errado, por si só acha e guia.

Repetido, estou repetindo

o mais trivial das pessoas.

E de vida, modos inóspitos,

num louco correr sem correr.

Esse tempo imenso esvaindo,

onde tudo, nada, nada ecoa!

E do intro falar é insólito.

Trejeitos... O resto esquecer!...

Absorto, sou lago dormindo,

que do intro p’ra dentro abalroa.

E que não acorda, pois opto

por minha parcela não-ser,

a parte que finge, mentindo

a coisa qualquer, coisa à toa.

Ser bicho social, fotolito,

a vaga impressão que valer!

Pele que me vestem que visto,

quão nela escrever de verdade

alguém poderá com uns traços

superficiais, com uns riscos?

Quão nela escrever, bem revisto,

sulcando e dando à claridade

o que não falseia em meus passos

tão labirintais quanto ariscos?

Pele que me vestem que visto:

noites e manhãs, dias e tardes;

notícias e rótulos baços;

o puro, o impuro; os vincos;

a ponderação; algum rito;

choro, riso e meias verdades;

algumas nuanças; cansaço;

o sopro; a insistência; o circo.

FRIALDADE

Eu passo por ti e pressinto.

Tu passas por mim e pressentes.

E nos procuramos retintos

e não nos achamos presentes.

Que foi feito em nós, que cegamos?

- A nos pressentir, duvidamos.

Que foi feito em nós, que calamos?

- Nem mais somos nós, só estamos.

Socorro, que estão matando

sensibilidade em mim!

Estou esfriando tanto,

que o frio perpassando em mim,

vai, dos outros volta a mim.

Socorro, que estão calando

toda a minha voz e mais!

Eu sinto uma dor que é algo

que me anestesia e dói

para não sentir. O quê?

Esta mesma dor ou outra.

Socorro, que estou vagando,

não tenho ilusão não mais!

No espírito e carne imagem

que se preconcebe em cena.

Há uma defesa forte...

Eu nem sei de quê, mas há.

E isso é não me dar, não ter...

Que andam tendo todos aí?

(Só os seus iguais de si).

Socorro, que estão brincando

com escarnecer o fraco,

a alma encouraçando de si!

Socorro, que estou virando,

dentro, tudo em frágil frasco!

A SELVA

Eu estou na selva

e ouço, longe e perto,

uivos que são fome

e despeito e gana.

Há um louco exército

que mata e nem come.

Vida animalesca,

de tanta ameaça,

a mim, animal,

espanta e põe cerca.

E escondo afinal

o que já devassa.

INCOMPLETUDE

Somos descontentes não prontos,

somos a verdade de um ponto

marcado a marcar, que se adia

no tempo a tirar todo o véu.

A minha, qual é, qual a estória?

Ah, não é por certo a que pensas.

Não sou que rotulas nem mais.

Nem sei o que sou, mas sou ais.

Marcada a marcar se me adia

a vida que quero- suspensa.

A vida... pedindo licença.

Sem licença,

com medo,

precisando de credo.

A HORA E EU

Engulo meus ais,

fujo dos de fora,

ouço-lhes os ecos.

Retumbam e doem.

Aprofundo mais,

de algo me consolo

mais do que me perco

(Não sei bem do quê).

Há cheiro de relva:

estou dentro e fora

e sinto minha hora

escoando-se...

(Ora ela é rotunda,

ora ela é comprida).

Leve, afinando

e desafinando.

A hora e eu.

DE ONTEM E DE HOJE

Ontem, a dor que me doía

era uma paz que não achava...

Dentro de mim... Sentia faltas...

A solidão, melancolia...

a me ulcerar... Cortantes farpas

-que eram pseudas ou reais-

Sempre a fazer que me cortasse

passivamente eu mesmo nelas,

e elas em mim afiadamente.

Havia névoa que ofuscava

as vistas, trilhas e ruelas,

mas eu buscava sempre mais

multiplicar convicções,

de mim em mim, da vida em mim.

Internamente eu procurava

tudo em cegueira de emoções.

E fora estava e não estava,

tal como dentro o que ansiava:

metamorfose a me formar!

Hoje, da dor apenas rio.

Eu, que a doer me machucava,

que masoquista sou ainda,

escrevo versos e alivio.

Vejo que a dor não embrutece,

sinto que a dor não enfraquece

e sei que a dor nos enriquece.

E, hoje, não tanto... Não melindra.

Anima e faz com que eu prossiga

comigo mais dentro da mão,

que é minha e está do corpo ao lado,

distante mais de todo chão,

que em mim passou e passará

todo a pisar todo pisado.

Soergo, rio dessa dor:

não é tamanha nem menor,

uma conquista um laço um nó!

O SONHO

O sonho é um desvario.

O sonho é uma meta.

É um grito de S.O.S.;

é um brado de guerra;

é vertigem sobre o rio;

é direção na seta

que se lança e desce,

a cair sobre a terra.

O sonho é o assobio

de uma balada incerta;

não alegra nem entristece

o alvorecer na serra.

O sonho se faz bravio,

a vontade enrijece

e o passo acerta

dessa vida que erra.

DOR, SENHORA E REMÉDIO DA VIDA

Sentir é curar para sentir melhor.

Sinto a dor toda, com masoquismo,

sobre a ferida antiga do peito.

Não chega a prazer real, mas é saber

que é nela o modo de aprender

sobre mim e tudo, sobretudo viver.

É como bisturi, remendo pequeno ou maior.

Corta e cose num louco paradoxismo

de fazer faltar e completar n’alma do sujeito.

Ah, que venha a vida toda! Eu não vou correr

nem ficar dentro de mim a me esconder.

Vou lento ao encontro do que pode ser.

PARÁFRASE E PERÍFRASE

Desenvolvo meu pensamento em versos longos.

Exprimo meu sentimento em versos oblongos.

Pouco renovo e repito o meu canto.

E às vezes até pinto um pranto.

E de tudo, o que preciso é uma síntese.

E de tudo, o que martiriza é uma paráfrase.

Não consigo dizer de modo novo o que sinto?

Então, vá lá sem jeito, sem método e retinto...

Umas vezes com rima,

outras vezes sem rima...

Qualquer dia com raiva,

qualquer dia sem raiva...

Um dia darei um grito,

redondo ou comprido,

mas que terá enchido

todo verso escrito,

toda fala exprimida,

até a reprimida,

retida.

ESQUECER E CURAR

Quantas agruras reais e imaginárias,

recrudescidas inútil e perniciosamente!

Não sei que desespero há justo

para a eternidade do ser!...

Mesmo sem garantias cartoriais,

melhor crer-me eterno, paliativamente

curando e expulsando o insulto,

o medo de agora e a dor de não-ser:

é nisso toda vida divinatória,

um tanto séria ou levianamente

vivida, ensinada, teorizada no lusco-fusco

-transição entre anoitecer e amanhecer...-

Quiçá eterno eu não envelheça

e tudo cresça ou eu recomece.

Ou tudo se esqueça sem perecer.

Ou pereça sem continuar a doer!?

Quem sabe tudo é subjazer...

EGO EM CONSTRUÇÃO

I

Sou o que sou... E ponto e vírgula.

Sou o que posso e estou em construção.

Do que em mim se desenvolveu e é factível,

quanto é meu, quanto é do outro,

que peso tem humano e que peso tem divino,

não logro ver depois da vírgula,

não logro ver depois do ponto.

O quanto estanco de agora para depois

é coisa outra que não sei nem devo saber,

é outra coisa que não sei nem posso saber.

O quanto aflige e o quanto consola

não sei, mas de fato um pouco isto

e de fato um pouco aquilo.

O que resultaria se de outro modo

não sei, mas finalmente um pouco me percebo.

Do que antevejo e pressinto nada é certo,

exceto que vou morrer e já morro vivendo.

Sou o rascunho de um rascunho

de algo definitivo a se formar.

O que definitivamente acaba em rascunho

é o espaço de tempo em que vou viver.

O que depois me tornarei, deixo-o

em mim, tanto quanto lembro do sono,

que é longo e é partido.

Do qual nada subsiste definitivo, sempre que acordo.

E nem depois que o concilio.

E sempre fico alheio.

II

Rápida vida de um momento,

rápido momento de uma vida!...

Não sei se neste ou naquela me ponho,

quando assim doidamente

me ponho a perscrutar.

Sei que equivoco no que equivocam.

Não sei o que fica, passa e vale,

quanto faz o momento na vida

e quanta vida no momento...

Não jogo com palavras:

Há embaraço e cegueira deveras,

sutilezas que não alcanço,

luz que retarda e está no túnel,

que sigo sem vislumbrar

ou vislumbro e não sigo.

Ou sigo e não alcanço.

Perco-me na cadeia de convenções,

e mal percebo que tudo é ligeiro.

E não vejo e não toco o fundo,

que insisto em tocar,

que não me acolhe.

Volto para bordo sem ir ao fundo,

meio tonto a divagar...

III

Depois de amanhecer e anoitecer

vezes que não são muitas ou poucas,

impressões pouco nítidas ficam.

Não tenho nitidez se uso vendas

e não as tira o dia

e a noite as faz perdurar.

Toda escuridão não é reflexa

senão de mim na noite

e no dia em eclipse.

Dia e noite- um não outro.

Eu e vida- atraente e atraída.

Com encontro e desencontro,

com interseção e transição

para uma fusão que nunca é...

Com estórias para contar

e acolher num silêncio de absorção...

A noite amanhece,

o dia anoitece.

Um se troca no outro sem desespero

e é em mim que age o bálsamo!

PELA FRESTA

I

Há uma vida suspensa e está no sonho,

um ideal que me suplanta o ser mecânico.

E é a mecânica de mim na e contra a vontade.

Auto-flama... É combustão que provoco e queima

e não queima, pois não me e não se consome,

para enfim extinguir-se, extinguindo o cálido.

Numa fraca inclinação, ando para aqui e para ali.

E numa forte impulsão e atração, desando de algures

e caminho para nenhures a procurar qualquer sorte,

que seja menos ou seja mais, mas traga o que tarda.

Na verdade busco e não paro de travestir a vida,

com vestes de poesia, uma que idealiza, não...

E realiza.

Sinto isto e é quase uma dor e uma dor deveras

na carne e na alma e, impotente, calo ou falo.

Não me livro... eu não me livro de sentir tão fundo

uma vida que quero tão fundo, e alta, me transcende.

E no meu plano me desconhece e se promete,

sempre a adiar-se, parecendo longe e a mim apensa.

II

Um tempo enorme passou, pouco de vivaz ficou.

Mal tenho lembranças e gravadas cores, porque desatendi

a muito do que a vida me ofereceu.

Se era muito, do muito fiz pouco

e esperei mais, sempre em desatino,

sempre com pouco siso e muito ardor.

Se basta era a oferta, eu vi diferente,

talvez trocando o bom pelo mau.

Confundindo conceitos e fazendo preconceitos,

julguei que nada era meu e estraguei tudo.

Troquei de mal com a vida e padeci

por todo um enorme tempo.

Hoje, não sei, já esqueci de avaliar

e não sei exatamente o que sim e não foi bom.

Sondei o longe, notei mal o perto,

encaminhei e desencaminhei de e para...

O que estava aqui tão perto e era tudo

e era nada, numa conta de perdas e danos.

Aqui mesmo nos versos, converso e desconverso

e não chego ao resultado da prova dos noves.

III

(Batei e abrir-se-vos-á!...)

Hei batido e não hão atendido,

hei inquirido e não hão respondido,

mas ouço ruídos,

ensaio compreensão aqui e lá,

onde o espírito lavra.

Mantenho-me alerta

e busco o sentido

para as palavras-

as articuladas

e as não articuladas-

dessa comunicação cifrada.

Busco célere, lento, aguerrido

uma porta aberta.

Procuro entrada,

acho fresta.

EMPATIA

Estou triste, sereno ou não, mas só...

Sereno ou não,

mas só,

engano que me acompanho.

Uma covardia e um medo terrível!

E eu me afundo...

Volto para a companhia possível,

açoitando e expulsando a descrença...

Encontro as coisas que são,

um pouco nelas fico e delas tiro...

Acho muito do mundo em mim,

acho muito de mim no mundo.

DRAMA, COMÉDIA E IDENTIDADE

Um drama se desenrola, com ou sem choro.

O choro é certo no meu peito, disfarçado nos olhos.

Eco de mim no outro ou do outro em mim,

esse choro que às vezes contenho, por estética...

Emoções despertadas são em mim pólvora,

que explode no estopim de mim

no estopim do outro.

Estranha delícia se contém na comédia

como no drama,

pois no riso e choro o homem é mais humano.

E tanto que quase se acha todo!

Integração, solidariedade, o caminho do homem...

O meio de fugir da solidão-

A física e a espectral e medonha.

Uma aura poética o choro e o riso...

Que balança o ser ou que ao ser agita,

mas comédia ou drama

em separação e ligação...

tudo não mais que trama e busca da identidade.

ARTÍFICE E CAÇADOR

Dê-me o caminho da seta,

mas também a seta e o arco.

Ou não me dê nada,

pois em mim haverá fome

e um artífice teimoso.

E fora a caça, o alvo.

E tenho um instinto atuante,

cego, infalível e constante,

que vem do antes, está agora

e segue para depois...

na trilha do que me cabe.

SEMPRE

Ontem, hoje, amanhã...

Eu incluído, subjacente, pendente,

atento, distraído, abstraído...

Dentro de tudo dentro de mim,

buscando fora o que lá está,

ou só lá se traduz.

Ontem, hoje, amanhã...

Tudo o que se faz é um pouco de luz

sobre tudo que jaz sob o firmamento,

de cor oscilante: azul, branco, marfim...

E soberano domina o ente abstraído,

no todo misturado,

fundido, crescente lentamente...

Lerdo, dirigido e protegido

desde ontem,

ainda hoje,

até amanhã...

Eu pequeno, latente, nascente,

crescente, metafísico, terreno

desde ontem,

ainda hoje,

até amanhã...

UM PROBLEMA, DOIS PROBLEMAS,

PROBLEMA NENHUM

I

Andei por aí modorrento

a procurar o lugar onde estive.

Onde estava não sabia.

Tinha consciência de ramo frágil

de árvore robusta.

Balançado pelo vento.

Era vago,

era etéreo;

tinha sentido,

não tinha bússola.

Era só um pensamento.

A pessoas perguntava o caminho:

apontavam e descreviam convictas

um que não correspondia.

Cada vez mais me perdia...

Sentindo tudo e percebendo pouco

que fosse norte e encontro,

dentro da noite nem quente nem fria.

Eu era só um pensamento,

eu era só um sentimento.

II

Faz tempo comecei a solução

de um problema que é.

Pergunto às fontes

e ouço que a resposta é em mim.

Em mim hieróglifos-

Todos de uma vez não leio.

Preciso articular fora e me aflijo.

Agora são dois os problemas:

o problema que é

e o problema que sou.

Acho meia solução,

que por ser meia,

busco outra e desfaço a primeira,

achando outra que mal me convence

e não é toda.

É como ingerir remédio necessário,

que cura e de curar adoece.

E de adoecer, outro remédio exige.

É um círculo vicioso que não para,

em que não paro e tudo fica à volta.

Esforço-me e vislumbro que em volta

tudo é igual em pequenas doses.

Descubro que me não devo pôr ao centro.

Desenvolvo uma fórmula para estar,

e ser essas voltas que tudo dá.

E eu mesmo não consigo executar.

Penso que não, e executo.

Quiçá estou dormindo e sonhando

e não é hora de acordar...

Durmo.

Quem sabe é dormindo que a vista aperta e vejo.

SUBJACENTE

Passeio no que há submerso

e pressinto o valoroso e o reles,

sentindo a calidez confortante,

perpassada pela frieza cortante.

Já antes sentira resfriar

o corpo e calar a voz.

Depois pano quente na fronte,

pensamento e sentimento realinhados.

O peito, tapera abandonada,

estrada não palmilhada...

Salpico todo o papel com versos,

signos e símbolos raro diversos...

E acalmo o desassossego

na poesia companheira,

na poesia-veneno que há,

na poesia-remédio que é.

SOL E CHUVA DE VERÃO

Sabe?... Quisera escrever

a poesia do sol

que nasce e morre no céu.

Comprendê-lo por sol.

Grande e modesto ao léu.

No estado d'alma esquecer,

vendo-o não só de arrebol,

de compará-lo ao meu ser.

Sabe?... Do sol grande e inteiro,

que faz calor e encobre,

que a tudo banha, e carece,

quando uma nuvem o cobre.

Não esse sol que escurece

no feito verso. Inteiro,

eu veja o Sol. (Não soçobre

Meu coração dó ligeiro!)

Sabe?... Quando há sol ou não,

não vê-lo luz e alegria.

Não uma ausência e tristeza,

mas um irmão no meu dia.

Brilho servil, natureza

que vem e vai-se do chão,

que a noite tarda. Tardia,

também vem vai-se do chão.

Sabe?... Quisera escrever

a poesia da chuva

que tarda ou cai pelo céu.

Compreendê-la por chuva,

mas não a lágrima e o véu

do triste quieto a só ver

como a uma alma viúva

e a si tão só remoer.

São chuva e sol dois momentos

da mesma sorte de coisas

para equilíbrio do todo.

O choro e o riso elementos

deste meu ser de rebordo.

Figura do íntimo e modo

de eu expressar sentimentos

os mais intensos das coisas.

HORA NEUTRA

Nada ora vislumbro em mim

neste ostracismo velho

e espontâneo.

Não fosse o orvalho

vacilante e errante,

notaria ora eu

vida em mim?

Respiração,

suspiro,

pulsação.

Vida que guardo,

lida que espera,

vida que aguarda.

Inadvertido,

tudo olvida em mim.

O sol do meio-dia,

obsequioso e interrupto,

transmuda-me no novo

e leva de volta ao antigo.

Ouço a cigarra no angico,

Sinto o calor da estação.

Serial e ermo,

vejo-me tubo ou êmbolo

separando e instilando

tudo em mim.

Sempre errante, tropeço

na linha da pipa,

na linha do pensamento.

Perco-me

num influxo/refluxo sísmico,

como sorte extravagante

ou imanente.

Sem remédio.

Ou como remédio.

Mas sinto esperança

incorrigivelmente... e sossego

sobre esta hora itinerante,

sempre a soar...

Uma cegueira invencível e nefasta

cose os meus olhos,

cindindo irremediavelmente

natureza e eu.

Eu, impuro e cindido introspectivamente.

Eu quisera tanto uma vez.

Ainda agora tenho querido

rimar poesia.

Ou talvez quisera em suma

uma vez p’ra sempre

a poesia e a musa.

Trato-as bem,

rodeio e não vêm.

Obsessivamente sempre

uma coisa e outra.

Trilhar requer estrada.

Não tendo-a, recolho-me.

No vôo da pipa

revôo meu espírito.

Sem trégua, o pensamento

revoa em mim,

sondando, buscando

um sonho de integração.

Irrefletidamente,

sem ter gosto,

dor ou vontade

ou óbices,

insiro-me ou fico

sonolento

no dia novo.

Uma pipa vacila, empinada,

mediando céu e terra

-apogeu e precipício-

Uma chuva inicia, lavando...

Preso eu no zodíaco

oracular de uma vida cifrada.

VERÃO, TEMPESTADE E BONANÇA

Havia coriscos no ar. E retumbar de trovão

era no meu peito- incessante e medonho.

E eu a pedir lampejo para a escuridão.

Tal como a natureza, pesaroso e tristonho.

O lampejo era no céu e o negrume, no coração.

Eu anoitecera e a noite ficara enfadonha.

Enfadado do dia e tudo enfadonho... Malsão.

Não dita a dor castrante e cheia de peçonha.

Tarde descubro que agravava tons e cores da noite,

a se agravar em mim, agravado por mim mesmo.

Tarde descubro uma brandura, alivio secura.

Uma luz e sentido novos... Para olhos, ouvidos e peito.

Já então amanhecera na natureza e no peito:

tudo brando, claro, apagado todo o nanquim.

Uma chuva torrencial caíra quando ainda noite.

E trouxe clara manhã ao peito, a iniciar toda cura.

POEMA DE INTERSEÇÃO

I

Um homem,

uma mulher.

Um planalto,

uma pradaria.

Dois já é mais que plural:

dois já há no um.

Dois do começo.

Dois do gerador fato.

Três já é tudo desigual:

três, embora vivam em comum,

três vezes se partem- o terço-

Tri...lhando para o quarto.

Quatro caminham na pradaria.

Quatro bebem no planalto.

Quatro? Homem, mulher, rebento e credo.

Quatro? Patas de animal já prenhe.

Cinco. Que mais multiplicaria?

Cinco pontas de estrela no alto:

síncope em cinco é que impede

cinco de ser dez- Seria pleno!?

Seis não é demais.

Seis... centas vezes quantas

sesmarias haverá no pensamento

ensimesmado de alguém a explorar?

Se te diga alguém nada loquaz

sete poucas palavras já prontas...

Se tente assim dar-te de tudo o tento,

sete vezes quanto hás de não acreditar?

Oito? Quantas serão as séries...

Oi, tomara saber alguém!

Outro terá sabido um dia?

- Ou tornou nunca ou olvidou.

Novena louca de vidas em série.

Novo e antigo nos retêm;

Nove, o que será que prenuncia?

Novo elo que ainda não se juntou?

Dez, número de escadas no homem.

Des... amado ou amado pela mulher,

des... amada ou amada de fato.

Dízima de quanto no meio da pradaria?

II

Que será que neste tempo

andam dizimando muito mais?

(Não vivi antes, mas sei

nem sempre foi assim).

Sinto... Na verdade sinto

no bolso o dízimo,

na alma dízima periódica,

dízima infinita...

É o amor que está dizimado

no consciente de tudo,

no quociente de ser um.

Questão de sentir tudo

e tão intensamente

que parece nunca se completar.

E tão intensamente

que tudo parece sempre.

III

Isso que do outro é igual em mim

é tão diferente em mim.

É tão diferente no outro.

É que somos um processo de empirismo.

É que somos um processo de narcisismo

em lealdade e traição:

lealdade ao ‘eu‘,

traição do ‘tu’.

Supressão do ‘eu’

em favor do ‘tu’

(ou do ‘eu‘?).

Segundo um processo de intelectualidade,

que junta e também separa.

E o que sobramos?

‘Eus’ e ‘eus’,

inteligentes de verdades e mentiras,

burros de amor e respeito.

Pobres de dar e receber.

Somos a unidade dissolvida,

somos a unidade pretendida.

SIMPLES

Espero pouco e penso que é tudo.

Ou espero muito e penso que é tudo.

E é pouco e é muito.

Espero intensamente e dói perceber

que espero, que não quero,

que tudo já é ou já chegou

(E às vezes nem percebo).

Quando conscientizo uma realização,

sinto que não é tudo,

que não era como querido,

que não traz o efeito esperado,

mas algo transforma.

E quase imperceptivelmente,

identifico-me na minha identidade,

na identificação do outro.

Dentro da natureza das coisas,

na natureza de aprender

a calma e a sabedoria de não esperar.

De esperar, ter e não ter.

Realizo numa realização interminável.

Na irrealização de fatos e conquistas

o aprendizado de sorrir e chorar.

Para logo se apagar,

para gravar indelevelmente

o milagre, a graça, a dádiva

de crescer lentamente,

pagando preço,

ganhando prêmio.

LATÊNCIA

Procurar e desandar deste modo,

punindo em mim uma falta,

tem sido dor sobre outra dor,

um dedo sobre a ferida.

E curá-la, não sinto que é

a conquista, o encontro.

Curá-la é não agravar o ser,

nem justificar e clarear o estar.

Mas compulsivamente faço e desfaço

meu ego em construção.

Assumo uma atitude que fora e dentro

põe-me em descompasso

com o mundo,

comigo mesmo.

Do que sou sobra tudo,

pouco se reparte e titubeio

no que reflete, engana e se engana.

Vesgo tudo em mim,

vesgo no olho do outro.

Meu ser se refugia, esconde,

mostra e ninguém vê.

Ou vê confuso e pouco firme.

Apago tudo e silencio

num estado de meia-noite,

num calor preguiçoso de meio-dia,

como porta, como filtro...

até que um raio venha raiar,

até que um raio possa penetrar

e despertar.